

Um diálogo possível entre Mikhail Bakhtin e Viktor Viktor Frankl sobre o ato responsável

Lorraine Ramos Dobrovosk*

<https://orcid.org/0009-0004-7047-8963>

Maria do Rosário Pereira de Sousa**

<https://orcid.org/0009-0009-5365-3113>

Resumo: Este artigo se propõe a apresentar a relação entre Mikhail Bakhtin e Viktor Frankl sobre o tema do ato responsável, com um breve aporte teórico acerca da temática. Inicia expondo se é possível um diálogo entre os dois pensadores, mesmo em áreas de conhecimento distintas, além disso, propõe quatro pontos fundamentais sobre o sentido do ato responsável, a partir da teoria Bakhtiniana, sendo eles: unicidade, responsividade, concreticidade e relacionalidade, num contraponto com o pensamento frankliano sobre o sentido da vida. Pode-se concluir que é possível a convergência do pensamento entre os dois teóricos e sua pertinência para a atualidade. **Palavras-chave:** Ato responsável. Sentido da vida. Unicidade. Diálogo.

A possible dialogue between Mikhail Bakhtin and Viktor Viktor Frankl about the responsible act

Abstract: The article proposal is to present a relationship between Mikhail Bakhtin and Viktor Frankl on the theme of responsible act, with a brief theoretical contribution about the theme. It begins by exposing whether a dialogue between the two thinkers is possible, in spite of the different areas of knowledge, in addition, it suggests four fundamental points about the meaning of them responsible act, based on Mikhail Bakhtin's theory, namely: uniqueness, responsiveness, concreteness and relationality, in a counterpoint with Viktor Frankl's thought about the meaning of life. It can be concluded that the convergence of thought between the two theorists, and its relevance to the present time is possible.

Keywords: Responsible act. Meaning of life. Uniqueness. Dialogue.

Un possibile dialogo tra Mikhail Bakhtin e Viktor Viktor Frankl sull'atto responsabile

Riepilogo: Questo articolo si propone di presentare il rapporto tra Bachtin e Viktor Frankl sul tema dell'atto responsabile, con un breve contributo teorico sul tema. Inizia esponendo se sia

* Universidade Federal da Paraíba. Mestranda em Linguística – Análise do Discurso (PROLING/UFPB). E-mail: l.dobrovosk@gmail.com.

** Universidade Federal da Paraíba. Mestranda em Arte, Espiritualidade e Saúde (PPGCR/UFPB). E-mail: irrosario@gmail.com.



possibile un dialogo tra i due pensatori, anche in diversi ambiti del sapere, inoltre, propone quattro punti fondamentali sul significato dell'atto responsabile, basati sulla teoria bachtiniana: unicità, reattività, concretezza e relazionalità, in contrappunto con il pensiero frankliano sul senso della vita. Si può concludere che la convergenza di pensiero tra i due teorici e la sua rilevanza per il tempo presente sia possibile.

Parole-chiave: Atto responsabile. Senso della vita. Unicità. Dialogo.

Introdução

O presente artigo tem como objeto de estudo a compreensão do ato responsável perante a vida, a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) e Viktor Frankl (1905 – 1997). Ambos são autores de teorias que influenciam profundamente a sociedade contemporânea, seja na área filosófica, educacional ou psicológica. Ao longo do estudo sobre tais pensadores, encontramos diversos pontos de convergência no que diz respeito à responsabilidade sobre a vida tal como ela se apresenta no momento e circunstância presente.

Tal comprovação se fez perceptível nas obras dos autores: “Para uma filosofia do ato responsável”, de Mikhail Bakhtin, e “Em busca de sentido”, de Viktor Frankl. Em tais obras, os autores concordam em pelo menos quatro pontos que trataremos no arcabouço teórico. Para eles, o ato responsável se dá pela consciência da unicidade do ser; é responsivo perante a vida; impõe uma responsabilidade ante as circunstâncias e supõe uma capacidade relacional.

Se esses são os pontos que caracterizam, segundo Bakhtin e Frankl, um ser que não pede alibi para a existência, devemos nos perguntar: é possível haver relação dialógica entre ambos os autores? Além disso, qual a relevância de tal reflexão diante de uma realidade contemporânea em que há uma tendência de evasão da própria responsabilidade pela vida?

Desse modo, o objetivo central do estudo é explanar um possível entrecruzamento das vozes de Mikhail Bakhtin e Viktor Frankl acerca do discurso sobre o que constitui o ato responsável e refletir sobre a importância de assumir tal postura no contexto social atual.

Tal convergência de vozes constitui uma categoria importante, o dialogismo. As relações dialógicas são relações de sentido que se estabelecem entre enunciados. Eis uma das principais características que definem o enunciado como dialógico, como esclarece Bakhtin: “Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. [...] Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado.” (2011, p. 371).

Na óptica discursiva dos pensadores russos do Círculo de Bakhtin, o sujeito é responsivo, constituído dialógico-enunciativamente, em camadas sócio-históricas e não um sujeito uno, individual. Já Frankl concebe o ser humano de modo tridimensional, a partir das dimensões somática, psíquica e noética (ou espiritual). Essa última é uma expressão que vem do termo grego “noos” e significa “mente, razão”. Caracteriza a dimensão espiritual do ser humano, aquilo que o abre à transcendência, ou seja, para tudo que está para além de si mesmo. Nesse sentido, o sujeito é, constitutivamente, aberto para o outro.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos da pesquisa, este artigo é caracterizado por uma abordagem documental de natureza qualitativa, com análise descritiva e interpretativa, realizada nas obras: “Para uma filosofia do ato responsável” e “Em busca de sentido.” Para isso, seguimos as seguintes etapas: levantamento e escolha das obras a serem analisadas, discussão dos principais conceitos abordados e análise dos dados em conformidade com os pressupostos teóricos de Bakhtin e Frankl.

Fundamentação teórica

Viktor Frankl e Mikhail Bakhtin foram pensadores do século XX, ambos conheceram os sofrimentos e desafios de uma sociedade marcada por duas guerras mundiais e pelas transformações que tais eventos deixaram no mundo e no modo de pensar e refletir a vida a partir de então.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu na Rússia, em 1895, e morreu em 1975, em Moscou, aos oitenta anos. Pesquisador, pensador, filósofo e teórico, Bakhtin foi fundamental na reflexão sobre a linguagem humana, nomeada como “translinguística”,

isso porque, para ele, a análise linguística deveria tratar também de outros fatores, tais como a relação entre os sujeitos e o contexto social e cultural nos quais estão inseridos.

É partir dessa premissa que Mikhail Bakhtin desenvolve a categoria do “ato responsável”, expressão recorrente e central em sua teoria, não se restringindo somente à ação, mas, também, ao pensamento e ao sentimento (Bakhtin, 2010, p. 9). Todo sujeito, a partir de seu contexto de tempo e espaço, assume uma posição axiológica, sendo, portanto, responsável e responsivo ante a vida.

Há uma expressão típica que ele utiliza e sintetiza tal categoria: *postupok*.

“Postupok” é um ato, de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever de responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem alibi e sem exceção. Mikhail Bakhtin, em relação a *postupok*, utiliza o verbo *postupat* como agir, no sentido do que acabamos de apresentar, de dentro e em consideração ao lugar próprio, único, singular. (Ponzio, 2010, p. 10).

Desse modo, nessa compreensão de ato responsável (*postupok*), podemos entrever algumas características: se dá pela consciência da unicidade do ser; é responsivo perante a vida; impõe uma responsabilidade ante as circunstâncias e supõe uma capacidade relacional. Será a categoria central que discorreremos nesse artigo.

Por sua vez, Viktor Emil Viktor Frankl nasceu em Viena, na Áustria, em 1905, vindo a falecer em 2 de setembro de 1997, em sua cidade natal. Em Viena, formou-se em Medicina, como psiquiatra. De origem judaica, Viktor Frankl conheceu os horrores do nazismo e em 1942 foi para o campo de concentração Theresienstadt, passando posteriormente por outros três campos de concentração. Mas conseguiu sobreviver sendo libertado em 1945.

A partir das experiências nesses campos de concentração, Frankl viveu e refletiu o que se tornou a primeira versão do livro “Em busca de sentido – Um psicólogo no campo de concentração”, que sintetiza sua teoria chamada de “Logoterapia e Análise Existencial”, a psicologia do sentido da vida, a qual defende que o ser humano, em sua totalidade, corpórea, psíquica e espiritual, é movido por um impulso primário, a “vontade de sentido”, ou seja, o desejo de descobrir o sentido da vida, que, para Frankl, pode ser encontrado através de valores vivenciais, atitudinais ou através do sofrimento. O sentido na vida não é, para ele, algo dado *a priori*, mas algo que se descobre. Viver

quer dizer assumir a responsabilidade de encontrar as respostas para os problemas que a vida nos propõe e encontrar um sentido mais profundo que nos norteie.

É precisamente a partir dessa base reflexiva que, a nosso ver, os pensamentos de Viktor Frankl e Mikhail Bakhtin se aproximam, pois, para ambos, viver é assumir uma responsabilidade perante a vida. Encontrar sentido na vida é situar-se em sua circunstância concreta e assumir um papel no mundo e na história. Tal afirmação é tão importante que Viktor Frankl chega a afirmar que a “Logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade, por isso, precisa deixar que ele opte pelo que, perante que ou perante quem ele se julga responsável” (Frankl, 2022, p. 134). Para ele, as perguntas fundamentais da Logoterapia são: pelo quê sou responsável e por quem sou responsável? De igual modo, Bakhtin afirma que a “[...] vida pode ser compreendida pela consciência somente na responsabilidade concreta.” (2010, p. 117). Vemos assim que, para ambos, é a partir da consciência da própria responsabilidade que a vida ganha sentido e fundamento.

Sendo assim, vemos um dialogismo entre tais pensadores. Para eles:

1. O ato responsável é caracterizado pela consciência da própria unicidade;
2. É também responsivo no sentido de que, para ambos, toda compreensão da vida implica em uma ação, uma resposta vital;
3. Tal ação deve se dar a partir do lugar único em que a pessoa está inserida, ou seja, na capacidade de assumir sua circunstância;
4. Por fim, o ato responsável perpassa a realidade relacional, já que nas relações nos responsabilizamos pelo outro como parte da própria existência.

Serão essas as principais características que analisaremos na convergência entre os dois pensadores. Ao fazer essa organização metodológica, não estamos separando radicalmente os conceitos, que estão profundamente entrelaçados. Por isso, em alguns momentos, serão, até mesmo, repetidos.

Nos pontos que seguem abaixo, seguiremos o pensamento teórico de Bakhtin e veremos como a convergência e o possível diálogo entre os dois pensadores podem contribuir na compreensão do ato responsável pela vida.

Ato responsável e unicidade do ser

O ato humano, segundo Bakhtin, é orientado pela singularidade irrepitível (Bakhtin, 2010, p. 21), ou seja, o ato responsável é caracterizado pela consciência da própria unicidade.

Segundo Faraco (2009, p. 21), Bakhtin insiste que só o ser humano concreto, único e irrepitível e, sobretudo, consciente de sua própria unicidade pode realizar um ato firmado nessa categoria de responsável. Só esse ser constitui-se um “eu moral”, já que tem essa consciência de si mesmo.

Esse “[...] reconhece estar ocupando um lugar único que jamais foi ocupado por alguém e que não pode ser ocupado por nenhum outro” (Faraco, 2009, p. 21). É essa plena consciência de si que instala a pessoa na sua realidade concreta impelindo-a a dar uma resposta vital perante as circunstâncias. Por isso, o primeiro passo na categoria bakhtiniana de ato responsável seria essa tomada de consciência do ser único que cada pessoa é.

Para Bakhtin, essa tomada de consciência não é teórica, mas existencial. E como podemos compreender essa diferença? Na capacidade de não ser indiferente à vida, assumindo que não temos alibi para a existência (Bakhtin, 2010, p. 96). Existimos como ser único somente quando assumimos, igualmente, nossa existência real, concreta, presente, instalando-nos no tempo e na história.

A consciência da própria unicidade implica em uma responsabilidade, assim como afirma Faraco: “Eu sou concreto e insubstituível e, por consequência, devo realizar minha unicidade” (2009, p. 21). Unicidade e responsabilidade caminham juntas. Reconhecer-se insubstituível desperta a consciência da responsabilidade única para realizar algo no mundo e na história, sempre partindo de sua própria circunstância, numa atitude de saída de si. Realizar a existência, portanto, não é um ato autocentrado, mas é agir “[...] em relação a tudo o que não é eu, em relação ao outro” (Faraco, 2009, p. 21).

Para Bakhtin, toda singularidade emerge da interação com outras vozes, ou seja, das relações interpessoais. Por isso, não está isenta de tensões e crises, no entanto elas são positivas e necessárias, já que o confronto com o diverso é o que faz a pessoa humana

perceber e assumir o que lhe é próprio. É devido a esse constante encontro e desencontro que o sujeito nunca pode considerar-se conhecedor de si mesmo num único instante. Somos um constante devir.

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2011, p. 225).

Desse modo, descobrir e assumir a própria singularidade implica um processo de tornar-se, de vir a ser que se dá na capacidade de ler os sinais que a própria vida nos oferece em cada tempo.

Viktor Frankl afirma, em consonância a Mikhail Bakhtin que, até mesmo no sofrimento, a pessoa que encontra a si mesma, mesmo que descubra em seu percurso o sofrimento, pode dar uma resposta “única e original” (2022, p. 102), e parece que, para ele, é exatamente no sofrimento que o sujeito manifesta o máximo da consciência de si.

Frankl comunga do mesmo pensamento quando afirma que a pessoa, em um único momento, não capta a total compreensão de si. Ela vive, descreve Frankl, “[...] certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser.” (2022, p. 129). Uma tensão saudável e até mesmo positiva já que supõe que a pessoa tem uma noção real do seu próprio processo de evolução. Essa tensão desafia o ser humano. Sem ela, a pessoa pode se instalar numa certa sensação de estabilidade enganosa. É preciso que ela esteja em estado de “vir a ser”. Viktor Frankl chega a considerar perigosa a “[...] noção de higiene mental que pressupõe que a pessoa necessita em primeiro lugar de equilíbrio, ou, como se diz na biologia, de ‘homeostase’, ou seja, de um estado livre de tensão” (2022, p. 129).

A consciência de si mesmo nunca deveria nos livrar do “estado de tensão”, entre o sentido a ser realizado e a pessoa que deve realizá-lo. Entre ser e ainda não.

Ato responsivo perante a vida

A compreensão da própria unicidade leva, conseqüentemente, ao passo seguinte, o de dar uma resposta à altura da vida. Na obra de Mikhail Bakhtin, encontra-se frequentemente o conceito de “compreensão responsiva”, que salienta a conexão entre compreensão e escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente, por meio da compreensão e pensamento participante. “A unidade da consciência real, que age de maneira responsável” (Bakhtin, 2010, p. 17). Assim, todo ato deve ser responsivo, no sentido de que toda compreensão da vida implica em uma ação, uma resposta vital.

Ato é uma iniciativa, um passo, em última análise, é tomar uma posição. Uma expressão da intencionalidade singular de cada ser. É um dever-ser, já que Bakhtin afirma que “[...] o não-álibi no ser” (Bakhtin, 2010, p. 26) convoca o sujeito a assumir sua unicidade sem delimitações e garantias. A responsabilidade da resposta à vida não pode ser transferida.

Assumir a postura responsiva perante a vida trata-se de realizar um ato responsável que ecoa do próprio fato de existir, o que Bakhtin chama de “evento-existir”, como ser único, singular, irrepitível. Nesse sentido, é um existir singular aberto à alteridade, isto é, uma “[...] singularidade em ligação” (Bakhtin, 2010, p. 14), num lugar exato, numa tarefa a desenvolver.

Tal compreensão encontra plena convergência com o pensamento de Frankl quando, ao tratar sobre o “[...] perguntar-se pelo sentido da vida” (2022, p. 101), ele afirma que o importante não é esperar pelo sentido da vida em si, mas perceber o que a vida espera de nós. Diz ele ser essa a grande revolução no processo terapêutico das pessoas em estado de desespero.

É a vida que nos indaga. Ela espera uma resposta nossa. Quando citamos “vida”, estamos discorrendo sobre os fatos escolhidos ou não escolhidos que chegam até nós. A cada instante somos indagados sobre qual resposta adequada devemos dar perante a existência que não volta: “Em última análise, viver não significa outra coisa se não arcar com a responsabilidade de responder adequadamente as perguntas da vida, pelo

cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.” (Frankl, 2022, p. 101).

Para Frankl, o sentido da vida é, na verdade, o sentido do momento, é uma percepção pessoal de uma situação concreta (2022, p. 167), usando suas palavras; “[...] o que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento.” (2022, p. 134). De primeira vista, pode gerar uma visão ambivalente, assim como são as pessoas. Mas, lembremos que essa consciência da exigência do momento é antecedida pela correta percepção de si, da própria singularidade e tarefa a cumprir no mundo, pois “[...] cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização.” (Frankl, 2022, p. 134).

Responsabilidade e circunstância

O terceiro aspecto que ecoa naturalmente das duas premissas é que tal responsividade vital só pode ser dada a partir do lugar único em que a pessoa está inserida, ou seja, na capacidade de assumir sua circunstância.

Em “Para uma filosofia do ato”, Mikhail Bakhtin descreve existir duas realidades, “dois mundos”, por assim dizer, um teórico, próprio do contexto cultural, de caráter filosófico, e o mundo da vida, onde as pessoas realizam a história por atos únicos e irrepetíveis. É nesse mundo concreto, real, feito de escolhas diárias que a pessoa realiza a vida. Para Bakhtin, o mundo teórico jamais é capaz de apreender toda a complexidade da realidade, sendo possível somente a superação de tal dualidade quando a pessoa encarna sua compreensão teórica da vida nas escolhas que faz em sua circunstância concreta.

Tudo isso que genérico adquire sentido e valor a partir do lugar único do singular, do seu reconhecimento na base do seu “não-álibi no existir”. “Não-álibi” significa “sem desculpas”, “sem escapatórias”, mas também “impossibilidade de estar em outro lugar” em relação ao lugar único e singular que ocupo no existir, existindo, vivendo. [...] Inevitavelmente é no mundo vivido como singularidade, no mundo da vivência única, que cada um se encontra quando conhece, pensa, atua e decide; é daqui que participa do

mundo em que a vida é transformada em objeto e situa a identidade sexual, étnica, nacional, profissional, de status social, em um setor determinado do trabalho, da cultura, da geografia política, etc. (Bakhtin, 2010, p. 20-21).

Percebemos, assim, que é do próprio lugar, da circunstância que a vida nos propõe e, às vezes, nos impõe, que podemos mostrar-nos “não-indiferentes” pelo outro e pela realidade. Toda resposta vital só é verdadeiramente humana quando implica esse envolver-se no contexto social e interpessoal. A vida nos confronta e nos interpela a não sermos indiferentes e, como diz Bakhtin: “Eu não posso fazer como se não estivesse aí.” (Bakhtin, 2010, p. 22).

Essa percepção de que a vida não é algo vago, puramente teórico e que não é possível respondê-la de modo genérico também é compartilhada por Viktor Frankl. A vida é sempre algo concreto e pede respostas concretas. Ele ainda vai além e reflete que o sentido existencial, ponto central de sua teoria, não é algo geral, definitivo, mas altera-se de pessoa para pessoa, de momento para momento, porque cada pessoa é única e vive um tempo único.

Nenhum ser humano e nenhum destino podem ser comparados com outros; nenhuma situação se repete. E em cada situação a pessoa é chamada a assumir outra atitude. Em dado momento, sua situação concreta exige que ela aja, ou seja, que ela procure configurar ativamente seu destino; em outro momento, que ela aproveite uma oportunidade para realizar valores de vivência (por exemplo, sentindo prazer ou satisfação); outra vez, que ela simplesmente assuma seu destino. Mas sempre é assim que toda e qualquer situação se caracteriza por esse caráter único e exclusivo, que somente permite uma única “resposta” correta à pergunta contida na situação concreta. (Frankl, 2022, p. 102).

Desse modo, há uma percepção de concreticidade no ato responsável de cada sujeito, ou seja, ele deve refletir o momento, a individualidade e necessidade da pessoa e da história. Assim, afirma Frankl que o “[...] verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado.” (2022, p. 134).

Ato pessoal e realidade relacional

O ato responsável, por fim, passa profundamente pela realidade relacional, há

uma necessidade de responsabilidade pelo outro como parte da própria existência.

A concepção de sujeito, para Bakhtin e o Círculo, é que este assume um caráter de responsabilidade pelo outro. Desse modo, segundo Faraco (2009, p. 25), isso constitui a “ética Bakhtiniana”, já que o eu não pode agir isolado de outros sujeitos, caso contrário, não se tornaria participante da vida real.

Segundo Faraco (2009, p. 21), Bakhtin persiste na relação eu/outro e “[...] que reconhecer minha unicidade e realizá-la no ato individual e responsável não significa que o eu vive só para si.”. O mesmo autor descreve que “[...] o princípio constitutivo maior do mundo real do ato realizado é precisamente a contraposição concreta eu/outro” (Faraco, 2009, p. 21).

Podemos perceber, assim, que a capacidade de viver e agir, amar e entregar-se, em vista do bem comum nas relações interpessoais constitui como uma “síntese” do que seja o ato responsável. Se assim não fosse, agiríamos em função do vazio. O mundo concretiza-se nas pessoas que o constituem e nas vozes que se entrecruzam.

A vida conhece dois centros de valores que são fundamentalmente e essencialmente diferentes, e ainda assim correlacionados um com o outro: eu mesmo e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser são distribuídos e dispostos. (Faraco, 2009, p. 21).

Sendo assim, não podemos viver sem a relação eu-tu, eu-nós. Esses são, como vemos acima, os centros fundamentais nos quais a vida se desenvolve. Nesse sentido, na óptica de Bakhtin, “[...] a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica” (Bakhtin, 1992, p. 131-132).

Desse modo, entendemos que a orientação social do enunciado em direção ao outro coloca, novamente, em evidência, a questão dos valores, cujas categorias fundamentais, segundo Bakhtin (2010, p. 174), são o eu e o outro, já que “[...] viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (Bakhtin, 2003, p. 174), ou seja, nas interações sociais, necessariamente, somos provocados a assumir nossos valores e posições, o que concretiza a singularidade do sujeito.

De um lado, a singularidade de cada um, a sua unicidade, a sua insubstituibilidade, a peculiaridade de suas relações, dos seus vividos, das suas coordenadas espaço-temporais e axiológicas, a irrevogabilidade da sua

responsabilidade sem álibi - e é esta singularidade, esta unidade, insubstituibilidade que cada um tem, nos afetos, nas relações relegadas ao privado, nas relações de amor e de amizade. (Bakhtin, 2010, p. 19).

Encontramos eco da premissa de que realizar a vida não implica um “viver só para si”, no pensamento de Viktor Frankl em sua categoria chamada “autotranscedência da existência humana” (2022, p. 134-135). Para ele, transcender-se consiste no fato que o “[...] ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar.” (2022, p. 135). É um viver um pouco “esquecido de si”, dedicando sua vida a algo ou alguém. Nesse sentido, quanto mais autotranscedência, mais autorrealização, porque, somente assim, a pessoa humaniza-se encontrando a essência do que é próprio como ser humano.

Por isso, para Frankl, quanto mais a pessoa busca a autorrealização como finalidade em si mesma, menos feliz ela será. Sendo assim, a felicidade humana não é meta da existência e, sim, consequência de uma vida permeada de sentido e autotranscedência.

O que se chama de autorrealização não é de modo algum um objetivo atingível, pela simples razão de que quanto mais a pessoa se esforçar, tanto mais deixará de atingi-lo. Em outras palavras, a autorrealização só é possível como um efeito colateral da autotranscedência. (Frankl, 2022, p. 135).

Transcendência torna-se, assim, uma das expressões muito importantes de sua teoria. E uma das formas que ele sugere como forma de autotranscedência é o amor. Portanto, as relações humanas eu/tu, eu/nós são fundamentais no ato responsável, assim como para Bakhtin quando afirma: “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (Brait *et al*, 2019, p. 2).

Considerações finais

As referências postas e relacionadas ao longo do texto nos fazem chegar aqui com a compreensão de que é possível um diálogo entre Mikhail Bakhtin e Viktor Frankl,

mesmo em áreas distintas do conhecimento, linguagem e psicologia, ambos partem de uma base filosófica semelhante e tendem para uma compreensão sobre o senso de responsabilidade como algo fundamental para a *práxis* humana. Ao longo do texto, pudemos deixar evidentes quais eram esses pontos comuns com fortes conotações filosóficas e humanistas acerca do ato responsável, que, para os dois, é um dos fundamentos da existência.

De fato, nos tempos atuais, é basilar a reflexão sobre tal tema, e o estudo, como tais autores o abordam, pode ser uma ótima contribuição para a educação, a psicologia e a filosofia.

Tomando os quatro pontos fundamentais, podemos resumi-los em: unicidade, responsividade, concreticidade e relacionalidade. Tais realidades, com todo o conteúdo teórico e prático que comportam, podem ser importantíssimas para os que lidam diretamente com a formação humana na contemporaneidade.

É preciso, portanto, fomentar nas pessoas em geral o senso de unicidade do ser diante da corrente de massificação que nos rodeia, em que as pessoas abdicam de sua originalidade pessoal na busca de replicar protótipos sociais idealizados pelas tendências culturais em voga. De igual modo, o senso de responsividade perante a vida propõe a capacidade de não delegar a outros a responsabilidade pela própria existência ou, até mesmo, de fugir da tarefa pessoal a cumprir no mundo. Por sua vez, a noção de concreticidade da vida insere-nos no mundo real, já que os meios modernos, as mídias e canais de comunicação tendem a expor um mundo imaginário e idealista em que a pessoa é induzida a fugir de sua circunstância e realidade. Por fim, numa sociedade cada vez mais fechada em bolhas sociais, é necessário educar para a capacidade de saída de si em uma sadia convivência com a alteridade e o divergente, não apenas na capacidade de tolerância, mas na possibilidade e redescoberta do amor como fundamento da vida e da essência humana, fomentando relações dialógicas entre o eu e o outro.

Ainda é possível aprofundar tal convergência entre os teóricos vistos nesse estudo, talvez em diversos outros pontos que ainda são necessários descobrir e evidenciar. Contudo, esse ponto de partida já nos deixa claras a evidência e a necessidade de dialogismo e multidisciplinaridade no percurso acadêmico. Nenhuma área de conhecimento pode isolar-se da outra, ao contrário, encontramos eco das mesmas verdades em diversos autores e nisso confirma-se a premissa bakhtiniana de que “[...]”

não pode haver enunciado isolado” (Bakhtin, 2011, p. 371).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; LOPES-DUGNANI, Bruna; MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de. O outro-para-mim e o eu-para-o-outro. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 2-6. DOI: 10.1590/2176-457339999. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/bak/a/swX5cXtRy5V4rwkTyGw4SQ/?lang=pt>
Acesso em: 15 de outubro de 2023.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Mikhail Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2009.
- PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 09-38.
- VIKTOR FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de Sentido**. Petrópolis: Vozes, 2022.

Recebido em 14/11/2023.

Aprovado em 31/05/2024.